

DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO NA GEOGRAFIA ACADÊMICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA TEORIA EM SUA RECEPÇÃO E APROPRIAÇÃO

UNEVEN AND COMBINED DEVELOPMENT IN BRAZILIAN GEOGRAPHY: AN ANALYSIS OF THE THEORY IN ITS RECEPTION AND APPROPRIATION

DESARROLLO DESIGUAL Y COMBINADO EN LA GEOGRAFÍA ACADÉMICA EN BRASIL: UN ANÁLISIS DE LA TEORÍA EN SU RECEPCIÓN Y APROPIACIÓN

// RESUMO

AUTOR

Leonidas de Santana Marques 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

E-MAIL

leonidas.marques@delmiro.ufal.br

DATA DE SUBMISSÃO: 24/02/25

DATA DE APROVAÇÃO: 25/08/25

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2025.90146



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB A MESMA LICENÇA.

Das mais variadas dimensões do fazer acadêmico, o rigor teórico-metodológico deve representar um dos pilares da produção do conhecimento que se propõe a desvelar as contradições do desenvolvimento geográfico do capitalismo. E a busca por esse rigor passa, necessariamente, por um robusto referencial teórico que deve lastrear nossos escritos. Assim, nos colocamos no sentido de analisar a presença da teoria do desenvolvimento desigual e combinado nos escritos da Geografia no Brasil, destacando quem é referenciado como fonte para a teoria. Consideramos que este constructo teórico é frequentemente citado nos textos de nossa área e entender como ele é referenciado nos ajuda a lapidar e refinar nossas análises. Quanto aos aspectos metodológicos, realizamos uma revisão bibliográfica sobre a teoria, destacando sua importância para os estudos geográficos, uma revisão sistemática com 663 textos da área e entrevistas semiestruturadas com intelectuais que nos ajudaram a entender os processos de recepção e apropriação desse constructo teórico pela Geografia no Brasil. Agrupamos os dados da revisão sistemática em quatro dimensões: a) menções a Trotsky; b) menções a autores do movimento trotskista internacional; c) menções aos intelectuais críticos do pensamento social brasileiro; e d) menções a geógrafos anglo-saxões. Em suma, destacamos algumas fragilidades nos textos revisados, como uma parcela importante que usa a teoria sem qualquer referenciamento ou associando-a com autores que não trabalham exatamente com esta. Ainda assim, ressaltamos a potência que essa teoria tem para a análise crítica e totalizante do território brasileiro.

Palavras-chave: desenvolvimento desigual e combinado; Leon Trotsky; Michael Löwy; David Harvey; Neil Smith;

// ABSTRACT

Among the most varied dimensions of academic work, theoretical-methodological rigor must represent one of the pillars of knowledge production that aims to reveal the contradictions of the geographical development of capitalism. And the search for this rigor necessarily involves a robust theoretical framework that must support our writings. Thus, our general objective is to analyze the presence of the theory of uneven and combined development in Geography writings in Brazil, highlighting who is referenced as a source for the theory. We consider that this theory is frequently cited in texts in our area and understanding how it is referenced helps us to refine and improve our analyses. Regarding methodological aspects, we carried out a bibliographic review on the theory, highlighting its importance for geographic studies, a systematic review with 663 texts in the area and semi-structured interviews with intellectuals who helped us understand processes of reception and appropriation of this theoretical construct by Geography in Brazil. We grouped the systematic review data into four dimensions: a) mentions of Trotsky; b) mentions of authors from the international Trotskyist movement; c) mentions of critical intellectuals of Brazilian social thought; and d) mentions of Anglo-Saxon geographers. In short, we highlight some weaknesses in the reviewed texts, as an important portion using the theory without any referencing or associating it with authors who do not work exactly with this theory. Even so, we emphasize the power that this theory has for the critical and totalizing analysis of the Brazilian territory.

Keywords: Uneven and combined development; Leon Trotsky; Michael Löwy; David Harvey; Neil Smith

// RESUMEN

De las más variadas dimensiones del trabajo académico, el rigor teórico-metodológico debe representar uno de los pilares de la producción de conocimiento que pretende revelar las contradicciones del desarrollo geográfico del capitalismo. Y la búsqueda de este rigor implica necesariamente un marco teórico sólido que debe sustentar nuestros escritos. Así, nos propusimos analizar la presencia de la teoría del desarrollo desigual y combinado en los escritos de Geografía en Brasil, destacando a quiénes se hace referencia como fuente de la teoría. Consideramos que esta teoría es citada frecuentemente en textos de nuestra área y comprender cómo se referencia nos ayuda a afinar y perfeccionar nuestros análisis. Acerca de los aspectos metodológicos, realizamos una revisión bibliográfica sobre la teoría, destacando su importancia para los estudios geográficos, una revisión sistemática con 663 textos del área y entrevistas semiestructuradas con intelectuales que nos ayudaron a comprender los procesos de recepción y apropiación de este constructo teórico por parte de la Geografía en Brasil. Agrupamos los datos de la revisión sistemática en cuatro dimensiones: a) menciones a Trotsky; b) menciones a autores del movimiento trotskista internacional; c) menciones a intelectuales críticos del pensamiento social brasileño; d) menciones de geógrafos anglosajones. En definitiva, destacamos algunas debilidades en los textos revisados, como una parte importante utilizando la teoría sin referenciarla o asociarla con autores que no trabajan exactamente con ella. Aun así, destacamos el poder que esta teoría tiene para el análisis crítico y totalizador del espacio brasileño.

Palabra Clave: desarrollo desigual y combinado; Leon Trotsky; Michael Löwy; David Harvey; Neil Smith

INTRODUÇÃO

Um dos principais esforços do fazer acadêmico é o de buscar uma fundamentação teórico-conceitual robusta em nosso processo investigativo. Cotidianamente lidamos com teorias, conceitos e categorias de análise que, em diálogo com um sólido aporte metodológico, podem nos auxiliar para o entendimento crítico da realidade analisada. No contexto da Geografia científica no Brasil, vários são os conceitos, categorias e teorias que fazemos uso como lastro para nossas interpretações e, delimitando nosso interesse investigativo para a Geografia que se faz a partir do materialismo histórico-dialético, podemos destacar diferentes aportes teórico-conceituais, tais como valorização, produção do espaço, renda da terra e financeirização. Ponderamos, contudo, que volta e meia nos deparamos com textos de nossa área que se valem desses aportes com pouca ou até mesmo nenhuma indicação de fonte a partir da qual temos aquele determinado termo como referencial.

Tendo esta preocupação como um horizonte importante, apresentamos neste artigo uma parte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Na tese, nos debruçamos sobre o desenvolvimento desigual e combinado, objetivando analisar os caminhos de recepção desta teoria pela Geografia no Brasil. Analisando centenas de publicações que mencionam a teoria, identificamos algumas singularidades e lacunas que nos parecem pertinentes apresentar neste texto. Desta forma, nosso objetivo geral aqui é analisar a presença da teoria do desenvolvimento desigual e combinado nos escritos da Geografia no Brasil, destacando quem é referenciado como fonte para a teoria. Dados os limites objetivos do artigo, agrupamos nossos dados em quatro dimensões: a) menções a Trotsky; b) menções a autores do movimento trotskista internacional; c) menções a autores do que chamamos de intelectuais críticos do pensamento social brasileiro; e d) menções a autores geógrafos anglo-saxões. A seleção e organização dos autores aqui destacados derivou do nosso banco de dados, que ainda conta com um agrupamento de

menções a autores geógrafos brasileiros, síntese já publicada em outro periódico ([omitido para fins de avaliação]).

Com relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa, esta investigação se valeu tanto de dados primários, quanto de dados secundários. Em relação a estes, empreendemos um levantamento bibliográfico sobre a teoria, considerando tanto o debate originário, quanto seus desdobramentos ao longo dos séculos XX e XXI, em especial no contexto da Geografia acadêmica.

Quanto aos dados primários, realizamos uma revisão sistemática. Segundo Petticrew e Roberts (2006, p. xiii), existem vários propósitos para este tipo de levantamento mais aprofundando, dentre os quais destacamos a análise de teorias já estabelecidas em nossos meios acadêmicos, a sumarização do estado como estas teorias se encontram e novos horizontes possíveis a partir da sistematização.

Em nossa investigação, fizemos um levantamento semiautomático na plataforma Google Acadêmico com o uso dos descritores “desenvolvimento desigual e combinado” e “geografia”. Produzimos uma primeira lista automatizada com milhares de publicações, que foi manualmente refinada considerando a exclusão de textos repetidos, escritos não realizados por membros da comunidade analisada (ao menos um dos autores deveria apresentar uma das formações em Geografia, podendo ser graduação ou pós-graduação) e algumas inconsistências da própria base de dados da plataforma. Por fim, ainda excluimos textos anteriores a 1997, para gerar uma série histórica de publicações que nos valem para outras dimensões da pesquisa. Chegamos assim a um total de 663 publicações da Geografia no Brasil que fazem menção à teoria do desenvolvimento desigual e combinado, entre livros, capítulos de livro, artigos, trabalhos de anais de evento, teses de doutorado, dissertações de mestrado, e monografias de graduação. O levantamento foi sistematizado utilizando os softwares Zotero e Microsoft Excel. Um maior detalhamento da revisão sistemática e do nosso banco de dados pode ser encontrado em [omitido para fins de avaliação]. Além disso, realizamos entrevistas com sete importantes pesquisadores, que há anos investigam temas atinentes à Geografia no Brasil, no intuito de entender aspectos do processo de recepção da teoria do desenvolvimento desigual e combinado

ao longo das últimas décadas; fragmentos destas entrevistas foram inseridos ao longo de nossa análise.

Em suma, além desta introdução e das considerações finais, este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, apresentamos um debate teórico sobre a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, partindo de como autores centrais nos textos levantados trabalham sua compreensão sobre o desenvolvimento contraditório das relações capitalistas, enfatizando intelectuais como Leon Trotsky, Michael Löwy, David Harvey e Neil Smith. Na segunda seção tratamos da presença de Trotsky e de autores do movimento trotskista nos textos levantados na revisão sistemática, bem como dos escritos que abordam a teoria sem qualquer referência. Nas outras duas seções apresentamos tanto a síntese sobre os intelectuais críticos do pensamento social brasileiro (tais como Francisco de Oliveira e José de Souza Martins) quanto a que se refere aos autores geógrafos anglo-saxões (tais como David Harvey, Neil Smith e Doreen Massey)¹

A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO EM GERAL E NA PARTICULARIDADE DA GEOGRAFIA

A construção conceitual mais elaborada de Leon Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado aparece no primeiro capítulo do livro *A história da Revolução Russa*, intitulado *Peculiaridades do desenvolvimento da Rússia*.

O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz, necessariamente, a uma combinação original das diversas fases do *processus* histórico. A órbita descrita toma, em seu conjunto, um caráter irregular, complexo, combinado [...] A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa

¹ Compreendemos que outros autores importantes poderiam ser mencionados com fontes para este debate, dentre os quais destacamos o geógrafo estadunidense Edward Soja e seu conceito de transferência geográfica de valor. Isso foi um ponto destacado pelos avaliadores deste artigo. Contudo, este autor não é mencionado como fonte nos textos levantados em nossa revisão sistemática. Assim, apenas nos atemos aos geógrafos anglo-saxões diretamente mencionados em nosso universo de dados.

aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei, tomada, bem entendido, em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha (Trotsky, 2017 [1930-1932], p. 33-34, *itálico no original*).

Indiscutivelmente, este trecho é o que melhor exprime a concepção trotskiana de desenvolvimento. Aqui a leitura de Trotsky evidencia a relação que se estabelece entre os dois pilares da elaboração teórica: o caráter desigual do processo somado ao caráter combinado/contraditório do desenvolvimento. Este esforço interpretativo de Trotsky caminha na direção de perceber que o desenvolvimento dos Estados nacionais, a partir do exemplo russo, não acontece a partir de ações fortuitas e aleatórias, mas condicionadas por determinantes históricos. Assim, se considerarmos o ponto de vista geográfico, a totalidade do processo de formação territorial dos Estados nacionais, marcada pela desigualdade do capitalismo, condiciona a produção hodierna do espaço, através de uma combinação destes determinantes que convergem em associações entre formas arcaicas e o que há de mais moderno.

Para além desta síntese mais elaborada de Trotsky no livro *A história da Revolução Russa*, é possível identificar em algumas de suas obras o processo de constituição da teoria do desenvolvimento desigual e combinado ao longo dos anos, em um esforço do autor de compreender a realidade de então à luz do debate já existente sobre o desenvolvimento desigual das relações capitalistas no interior dos escritos marxistas. Neste sentido, é importante pontuar que Trotsky não só compreendia a necessidade de leitura do desenvolvimento do capitalismo enquanto desigual, como tinha clareza de que esta era uma “lei” desenvolvida a partir do legado marxista-leninista (Trotsky, 1957 [1928], 2010 [1930]). Na citação abaixo, temos uma das passagens em que o autor é mais explícito neste sentido.

Em primeiro lugar, é mais correto dizer que toda a história da humanidade é governada pela lei do desenvolvimento desigual. O capitalismo encontra várias partes da humanidade em diferentes estágios de desenvolvimento, cada uma com suas profundas contradições internas. A extrema diversidade nos níveis alcançados e a extraordinária desigualdade no ritmo de desenvolvimento das

diferentes partes da humanidade durante as várias épocas servem como ponto de partida do capitalismo. O capitalismo ganha controle apenas gradativamente sobre a *desigualdade herdada*, rompendo-a e alterando-a, empregando nela seus próprios meios e métodos. Em contraste com os sistemas econômicos que o precederam, o capitalismo visa inerente e constantemente a expansão econômica, a penetração em novos territórios, a superação das diferenças econômicas, a conversão de economias provinciais e nacionais autossuficientes em um sistema de inter-relações financeiras. Com isso, realiza sua reaproximação e iguala os níveis econômicos e culturais entre países mais avançados e países mais atrasados. (Trotsky, 1957 [1928], p. 19, *itálico nosso*)

Nesta abordagem, fica claro como o autor compreende a lei do desenvolvimento desigual como um fundamento indispensável para pensarmos como se dá a relação entre universal e particular na territorialização das relações capitalistas ao redor do mundo. A desigualdade herdada pelo novo modo de produção é diretamente retrabalhada, de uma forma como nunca antes na história da humanidade pode-se presenciar. Chamamos ainda a atenção para o último trecho deste fragmento, já que este debate sobre a relação entre países considerados “mais avançados” e países considerados “mais atrasados” será um outro ponto muito importante da abordagem de Trotsky sobre a relação que se estabelece entre a questão nacional e os determinantes internacionais, indicando como a teoria elaborada pelo autor tem um intrínseco debate multiescalar. A bem da verdade, todo o esforço que este autor empreendeu ao longo de suas reflexões sobre as particularidades do desenvolvimento das relações capitalistas na Rússia foi atravessado por uma leitura multiescalar. Isto significa dizer que Trotsky sempre entendeu que a correta apreensão do processo de desenvolvimento nacional passa pela complexa relação entre determinantes internos (nacionais) e determinantes externos (internacionais). Será na interpretação desta relação que Trotsky encontrará as bases para a noção de combinação. Com isso, desde a redação de *Balanço e perspectivas*, texto de 1906, já vemos ponderações do autor que desaguariam, ao longo das décadas seguintes, na compreensão do desenvolvimento enquanto desigual e combinado. Ao comentar justamente sobre essa relação entre seu país e outras nações com desenvolvimento das relações capitalistas mais avançado, o autor indica que

[é] difícil dizer que forma teria tomado o desenvolvimento social da Rússia sob a exclusiva influência das suas tendências internas se se tivesse mantido isolada. Basta dizer que isso não aconteceu. Mas a vida social russa, edificada sobre determinados fundamentos econômicos internos, não deixou de sofrer a influência e mesmo a pressão do meio exterior histórico-social. Quando esta organização social e estatal, no decurso da sua formação, entrou em conflito com outras organizações vizinhas, o caráter primitivo das relações econômicas e o desenvolvimento comparativamente elevado dos seus adversários tomou um papel decisivo no processo que daí resultou. O Estado russo, nascido sobre uma base econômica primitiva, entrou em relações e em conflito com organizações estatais construídas sobre fundamentos mais elevados e mais estáveis. (Trotsky, 2025 [1906], s/p)

A partir destes escritos, vemos como a abordagem de Trotsky sobre o desenvolvimento histórico da Rússia leva em conta que cada país não se encontra em uma bolha, ou seja, não se desenvolve a despeito das demais partes do mundo. Muito pelo contrário, o autor identifica nas relações entre os países uma determinação basilar para o entendimento da questão nacional russa. Esta noção que Trotsky concebe vai sendo maturada ao longo do tempo e vai ser um dos fundamentos da noção de desenvolvimento combinado. Um dos primeiros momentos em que este debate aparece de modo mais explícito é na introdução redigida em 1930 pelo autor para a edição alemã do livro *A revolução permanente*. Ao se opor à visão de Stálin sobre a questão das relações internacionais no capitalismo em sua fase imperialista, Trotsky (2010 [1930], p. 161-162) coloca que “é falso que a economia mundial é simplesmente uma soma de partes nacionais de mesmo tipo. É falso que as características específicas são ‘meramente suplementares às características gerais’ como verrugas na face”. Desta forma, Trotsky argumenta que as particularidades nacionais “representam uma combinação original de características básicas do processo mundial”. Assim, o autor não compreende o nacional a despeito do internacional, mas aquele como determinado por este. E o termo combinação aparece em sua obra exatamente como a materialização daquilo que poderíamos chamar, em linhas gerais, dos aspectos do todo que determinam a parte em sua particularidade.

Estas ideias vão sendo maturadas por Trotsky ao longo dos anos e deságuam de modo mais evidente no livro *A história da Revolução Russa*, como já mencionado. Neste livro, o autor desenvolve uma análise sobre a formação da nação russa tendo-a como uma particularidade do

desenvolvimento histórico mais geral. Assim, são considerados os aspectos peculiares da Rússia em sua relação com os determinantes mais amplos de um país que está entre (e, por vezes, em conflito com) muitas outras nações que vão se desenvolvendo mais rapidamente frente aos desdobramentos derivados da territorialização das relações capitalistas, principalmente na Europa.

Desde os escritos de Trotsky até os demais intelectuais que aprofundaram o debate sobre o desenvolvimento desigual e combinado, fica clara a centralidade desta teoria para analisarmos as relações imperialistas que o capital implementa em todo o globo. Como apontado por Löwy (1998 [1995]), há uma específica atenção desta teoria com o desenvolvimento dos países de economia periférica, nos quais a relação entre desigualdade e combinação são ainda mais evidentes. Considerando uma análise escalar, ainda é importante frisar a relação que se estabelece entre o local e o global. O caráter combinado da teoria compreende também um amalgamento entre processos que ocorrem em nível local (a exemplo da organização social de grupos dominantes regionais) e em nível global (a exemplo dos avanços tecnológicos).

Quando consideramos a difusão da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, temos que dar o devido relevo ao movimento trotskista. Do ponto de vista internacional, a figura de George Novack é, sem sombra de dúvidas, a que mais chama atenção. Esse filósofo estadunidense será, após a morte de Trotsky, um dos maiores intelectuais do movimento que girava em torno das ideias do autor russo. Novack, a partir da redação de *A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade* (1988 [1957]), sistematiza as principais contribuições de Trotsky sobre o debate do desenvolvimento do capitalismo. A partir dos anos 1940, Novack terá uma importante representatividade no debate sobre a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, defendendo os pressupostos levantados por Trotsky e indo contra a qualquer tentativa de desconstrução dos princípios colocados por essa. Isso ocorre, por exemplo, no debate que trava com David J. Romagnolo (1975), árduo crítico das ideias de Trotsky, incluindo a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Nesta citação abaixo, temos um fragmento de um texto que Novack escreveu na década de 1970 em resposta às críticas levantadas por Romagnolo na revista *Latin American Perspectives*:

Romagnolo insiste que “o foco do materialismo histórico está no desenvolvimento interno, enquanto o da lei do desenvolvimento desigual e combinado [está] nas relações externas” (1975: 18). Tal dicotomia rígida entre relações internas e externas é injustificada para a era de expansão capitalista que se desenrolou em escala mundial. Isso é ainda mais inadequado em relação ao desenvolvimento da América Latina nos tempos pós-colombianos, quando forças externas dirigidas pelos ibéricos invadiram o continente, subjugaram e saquearam seus habitantes e alteraram radicalmente as relações econômicas e sociais anteriores. O choque e a conjunção de seus modos de vida e trabalho deixaram uma marca indelével em toda a América Latina. (Novack, 1976, p. 101)

Além da defesa da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, Novack cumpre um papel fundamental no movimento intelectual da teoria por justamente ter uma visão ampliada do constructo teórico. Assim, além de difundir, em certa medida, esse autor também é responsável por uma determinada produção dos lineamentos da teoria, principalmente por sistematizá-la e colocá-la de modo explícito em seus escritos, mesmo que sempre afirmando que se trata de uma produção derivada de Trotsky (Novack, 1988 [1957]). Além do mérito de ter sido um dos principais difusores da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, Marcel van der Linden (2007) argumenta que Novack foi também responsável por importantes desdobramentos na forma como a lei passou a ser interpretada. Neste sentido, Novack não só difunde, mas produz e sistematiza intelectualmente a teoria, principalmente enfatizando uma certa universalidade desta em relação à história humana e até em relação aos fenômenos biológicos. E mais, esse autor foi uma influência importante para uma outra persona que foi fundamental no movimento intelectual da teoria do desenvolvimento desigual e combinado: Ernest Mandel. Ainda conforme van der Linden (2007, p. 150), embora raramente citado pelo autor europeu, Novack foi um grande entusiasta dos seus primeiros escritos.

Mandel foi, de modo inequívoco, um dos principais nomes ligados ao movimento trotskista internacional que ganhou expressão no cenário acadêmico, principalmente por seu debate acerca do desenvolvimento e das crises do capitalismo em seu período tardio (Mandel, 1982 [1972]). Partindo da teoria do imperialismo, esse autor desenvolve sua análise nas particularidades desse novo momento histórico que a humanidade vivencia na segunda metade

do século XX e como o desenvolvimento dos países se dá de modo diferenciado nesse contexto. Mandel (1970, p. 22) entendia o imperialismo como uma “[...] forma combinada de desenvolvimento social, amalgamando as formas mais atrasadas e mais modernas de atividades econômicas, exploração e vida sociopolítica, em formas variáveis, em diferentes países”. Assim, a visão desse autor sobre o imperialismo está assentada na concepção trotskista de desenvolvimento combinado. E toda a sua análise sobre as particularidades do desenvolvimento dos países no contexto do capitalismo tardio se fundamenta na compreensão desse enquanto desigual e combinado. Inclusive, van der Linden (2007, p. 152) chama a atenção de que Mandel foi, de fato, o primeiro autor da esquerda europeia a analisar a realidade sob o prisma da teoria do desenvolvimento desigual e combinado.

Desta forma, diferente de outras teorias marxistas, a que analisamos aqui apenas começa a ser difundida de modo mais ampliado no meio acadêmico no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 com os trabalhos de Mandel. Antes disso, a teoria do desenvolvimento desigual e combinado estava basicamente circunscrita ao seio do movimento trotskista internacional. Assim, é possível afirmar que, após o grande esforço de análise da realidade russa feita por Trotsky (2017 [1930-1932]), a obra *O capitalismo tardio* de Mandel (1982 [1972]) será a primeira grande reflexão sobre as relações capitalistas sob o prisma da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, tendo em conta não somente a profunda reflexão desenvolvida pelo autor, mas também devido à sua influência no meio acadêmico das Ciências Humanas e Sociais, inclusive no contexto brasileiro. Em várias passagens do livro, Mandel indica como a teoria (também chamada por ele como “lei”) é basilar para a compreensão do desenvolvimento do capitalismo monopolista. Das várias passagens do texto, escolhemos uma que sintetiza bem a leitura do autor.

O modo de produção capitalista não se desenvolveu em meio a um vácuo, mas no âmbito de uma estrutura sócio-econômica específica, caracterizada por diferenças de grande importância, por exemplo, na Europa ocidental, Europa oriental, Ásia continental, América do Norte, América Latina e Japão. As formações sócio-econômicas específicas – as “sociedades burguesas” e economias capitalistas – que surgiram nessas diferentes áreas no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, e que

em sua unidade complexa (juntamente com as sociedades da África e da Oceania) abrangem o capitalismo “concreto”, reproduzem em formas e proporções variáveis uma *combinação* de modos de produção passados e presentes, ou, mais precisamente, de estágios variáveis, passados e sucessivos, do atual modo de produção. A unidade orgânica do sistema mundial capitalista não reduz absolutamente essa combinação, que é específica em cada caso, a um fator de importância apenas secundária em face da primazia dos traços capitalistas comuns ao conjunto do sistema. Ao contrário: o sistema mundial capitalista é, em grau considerável, precisamente uma *função* da validade universal da lei de desenvolvimento desigual e combinado [...]. (Mandel, 1982 [1972], p. 14, *itálico do autor*)

A visão e todos os escritos desse autor acerca do desenvolvimento desigual e combinado foram de suma importância no processo de recepção da teoria em contextos acadêmicos como o do Brasil. Mandel cumpre uma função crucial no processo de circulação de constructos teóricos como o que estudamos: uma teoria que surge em um meio não-universitário e somente depois é recebida e apropriada pelo debate acadêmico. Esse autor, sendo reconhecidamente um importante quadro no movimento trotskista europeu, é também reconhecido como um acadêmico de renome e assim acaba sendo uma fonte central, junto com Trotsky, da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, por vezes mais mencionado que o próprio Novack.

Vale ainda mencionar a importância do franco-brasileiro Michael Löwy, apontando dois argumentos que são importantes para considerarmos a contribuição que esse autor tem dado para a recepção e apropriação da teoria no contexto brasileiro. Em primeiro lugar, sendo também um expoente do movimento trotskista internacional, Löwy sempre foi um árduo defensor da leitura do desenvolvimento enquanto desigual e combinado, desde os seus primeiros escritos ainda nos anos 1970 (Löwy, 1975). Desta forma, e pelo seu contínuo contato com o ambiente acadêmico das Ciências Humanas e Sociais no Brasil, Löwy tem sido uma importante referência neste quesito. Em segundo lugar, basicamente é a partir desse autor que teremos no Brasil o uso da grafia “teoria do desenvolvimento desigual e combinado” em vez de “lei do desenvolvimento desigual e combinado”, aparecendo desta forma na obra de Löwy desde os anos 1980 em seu livro sobre a teoria (2015 [1981]).

Como veremos, esse autor franco-brasileiro tem se mostrado uma fonte muito importante para o debate sobre desenvolvimento contraditório do capitalismo na Geografia acadêmica no Brasil, comparável a autores geógrafos, dentre os quais destacamos David Harvey e Neil Smith. Em *Os limites do capital*, primeira grande obra do autor inglês a partir do método materialista histórico e dialético, Harvey não só desenvolve sua ideia de desenvolvimento geográfico desigual, como apresenta um primeiro adensamento teórico sobre o termo, dialogando com as teorias do imperialismo e da crise capitalista. Como forma de sintetizar seu argumento sobre o termo, o autor faz a reflexão a seguir, conectando a noção de desenvolvimento geográfico desigual com a de ajuste espacial (*spatial fix*, no original) ainda na introdução do livro. O autor compreende que a análise das

[...] mobilidades geográficas do capital e do trabalho mostra como as contradições do capitalismo são, pelo menos em princípio, suscetíveis a um “ajuste espacial” – a expansão geográfica e o desenvolvimento geográfico desigual resistem à possibilidade de um capitalismo propenso à contradição por direito próprio. Isso conduz diretamente ao “terceiro recorte” na *teoria da crise*, que lida com a formação da crise em seus aspectos espaciais. Sob esse título podemos abordar os problemas do imperialismo e das guerras interimperialistas a partir de uma perspectiva nova. Vemos mais uma vez que a busca de um “ajuste espacial” para as contradições internas do capitalismo simplesmente termina por projetá-las, embora em novas formas, no cenário mundial. Afirmo que isso nos permite a construção de uma estrutura para teorizar sobre a geografia histórica do modo de produção capitalista. (Harvey, 2013 [1982], p. 39, *itálico nosso*)

No mesmo sentido de apontar a contradição entre a tendência ao universalismo das formas de reprodução capitalista e a produção desigual do espaço, Harvey argumenta que esta relação contraditória sustenta a expansão territorial do capital ao mesmo tempo em que agudiza processualmente a intensidade de sua crise. “Portanto, é importante reconhecer que a coerência territorial e regional, pelo menos parcialmente discernível dentro do capitalismo, é ativamente produzida em vez de passivamente recebida como uma concessão à ‘natureza’ ou à ‘história’.” (Harvey, 2013 [1982], p. 527). Assim, compreender a produção capitalista do espaço implica na leitura do desenvolvimento geográfico desigual como fundamento. E, eivado de contradições, a

economia capitalista imprime uma organização espacial que tem como marca um desenvolvimento que acirra as desigualdades a partir da superação dialética de desigualdades pretéritas.

O resultado disso é que o desenvolvimento da economia de espaço do capitalismo está cercado de tendências contrapostas e contraditórias. As barreiras espaciais e as distinções regionais precisam ser derrubadas. Mas os meios para atingir esse objetivo envolvem a produção de novas diferenciações geográficas que criam novas barreiras espaciais a serem superadas. A organização geográfica do capitalismo internaliza as contradições dentro da forma de valor. (Harvey, 2013 [1982], p. 528)

Deste modo, o capital reforça as diferenças já existentes na organização espacial, num processo que envolve superações, eliminações, intensificações e reordenamentos. Neste sentido, o autor considera que a localização dos diversos empreendimentos capitalistas se revela como um “momento ativo” no desenvolvimento das relações capitalistas (Harvey, 2013 [1982], p. 497). Em suma, a partir das reflexões feitas pelo autor em *Os limites do capital*, a noção de desenvolvimento geográfico desigual vai se constituindo como algo estruturante nos seus escritos, aparecendo, com maior ou menor adensamento teórico, na maior parte dos seus textos publicados desde então.

Em publicação mais recente, Harvey (2016 [2014]) traz o desenvolvimento geográfico desigual como uma das contradições estruturantes do modo de produção capitalista. Assim, tanto sua dinâmica incontrolável como as possibilidades de sua superação estão associadas ao desenvolvimento geográfico desigual – bem como a outras contradições.

Periodicamente, o capital tem de romper com os limites impostos pelo mundo que ele próprio construiu, ou corre o risco mortal de se esclerosar. Em suma, a construção de uma paisagem geográfica favorável à acumulação de capital em uma era torna-se o grilhão da acumulação na próxima. O capital, portanto, tem de desvalorizar boa parte do capital fixo na paisagem geográfica vigente para construir uma paisagem totalmente nova, com uma imagem diferente. Isso desencadeia crises locais intensas e destrutivas. [...] O princípio aqui é o seguinte: o capital cria uma

paisagem geográfica que satisfaz suas necessidades em determinado momento, apenas para destruí-la em outro e facilitar uma nova expansão e transformação qualitativa. O capital desencadeia as formas de 'destruição criativa' sobre a terra. (Harvey, 2016 [2014], p. 146)

Essa natureza criadora-destruidora do capital, ou destruição criativa nos termos de Harvey, está diretamente associada ao desenvolvimento geográfico desigual. Na verdade, o próprio fundamento do desenvolvimento sob a égide do capital tem como lastro a destruição, que é condição para a superação circunstancial da crise estrutural. O modo capitalista de produção necessita criar-destruir simultânea e conjugadamente para que sua lógica de acumulação incontrolável não cesse.

Apenas para termos uma noção da presença da teoria do desenvolvimento geográfico desigual nos escritos de Harvey, podemos mencionar alguns dos mais diferentes temas que têm sido objeto de investigação do autor onde a teoria aparece em maior ou menor grau. Seja discutindo os fundamentos da economia capitalista (Harvey, 2011[2010], 2018 [2017]), a particularidade do imperialismo no século XXI (Harvey, 2005 [2003]) ou o neoliberalismo (Harvey, 2008 [2005], 2009), a teoria do desenvolvimento geográfico desigual aparece nos textos de Harvey como um aparato estruturante de sua análise espacial.

Se em relação a Harvey já conseguimos apontar vários referenciais em língua portuguesa que são fontes importantes para os escritos da Geografia no Brasil, não podemos dizer o mesmo de Neil Smith. Esse autor escocês é ainda muito pouco traduzido em nosso país, o que confina boa parte das menções a este autor relacionada ao seu principal livro *Desenvolvimento desigual (Uneven development)*², texto que originalmente foi sua tese de doutorado na Johns Hopkins University, sob orientação de David Harvey. Nessa obra, Smith tem como propósito pensar sobre o desenvolvimento desigual considerando as contradições que ficam evidentes no modo de produção capitalista, tendo em conta um diálogo profundo entre os pressupostos marxistas e o debate sobre o espaço enquanto produção capitalista. Assim, analisa a produção da natureza e

² Vale destacar, contudo, o esforço recente de disponibilização de textos de Neil Smith em língua portuguesa, a exemplo do dossiê *Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã*, publicado na revista *Geografias da UFMG* (Souza Neto; Bomfim; Lira, 2021), e da coletânea recém-lançada *Neil Smith e sua Geografia revolucionária*, organizado por Cruz et al (2024).

a produção do espaço como condições para interpretar a geografia do capitalismo. Neste contexto, o autor ressalta um dos principais pontos que sustentam o modo contraditório do desenvolvimento capitalista: a desigualdade. Smith (1988 [1984], p. 151) indica que “a desigualdade espacial não tem sentido algum, exceto como parte de um todo que é o desenvolvimento contraditório do capitalismo”. O modo capitalista de produção se desenvolve numa base material já diferenciada, mas, a partir desta base, se consolida pela reprodução de relações sociais que acirram as diferenças como desigualdades. Estas são nítidas na paisagem e revelam um processo contraditório em que

[...] as tendências contraditórias para a diferenciação e para a igualização determinam a produção capitalista do espaço. Em ação, essa contradição que surge no âmago do modo de produção capitalista inscreve-se na paisagem como o padrão existente de desenvolvimento desigual. (Smith, 1988 [1984], p. 151)

Quanto à tendência à equalização, fica evidente o processo universal de territorialização do capital, que implica na transformação de todas as relações sociais, econômicas, culturais etc., segundo a lógica da reprodução capitalista. Tudo tende a virar mercadoria, e quanto à produção do espaço presenciamos um processo dialético de produção social com apropriação privada. Mas a tendência à equalização se estabelece sobre bases diferenciadas que, em vez de serem anuladas, são incorporadas à dinâmica do valor de troca. Quanto a isso, afirma que o “desenvolvimento desigual é, no mínimo, a expressão geográfica das contradições do capital. A fixação geográfica do valor de uso e a fluidez do valor de troca traduzem-se nas tendências para a diferenciação e para a igualização” (Smith, 1988 [1984], p. 217).

Nas palavras deste autor, o século XX representou justamente o século do desenvolvimento desigual. Assim, todos os processos globais de modernização das relações capitalistas de produção se organizaram em torno do estabelecimento de uma lógica perversa e desigual em escalas sem precedentes na história social. “A globalização, então, é apenas o último estágio do desenvolvimento desigual, sucedendo a era de três décadas do pós-guerra. Assim, a globalização aparece como uma forma cada vez mais pura do imperialismo” (Smith,

1997, p. 182). Neste texto, ao analisar as diversas promessas de superação da pobreza apresentadas aos países ao longo do século XX, Smith pontua como todas elas, ora revestidas pelo discurso do desenvolvimento, ora associadas ao constructo da modernização, não passaram de miragens para o que realmente presenciamos hoje no século XXI: um contexto de acirramento das contradições e agudização do desenvolvimento desigual como nunca antes as sociedades presenciaram.

Em um dos seus últimos textos, este autor fez uma revisita ao seu livro *Uneven development*, no contexto da sua terceira edição nos Estados Unidos. Além de fazer uma série de reflexões sobre potencialidades e limites de sua obra, Neil Smith foi provocativo ao argumentar em favor de considerarmos a abordagem do desenvolvimento desigual sempre como algo em processo, o que implica em termos em conta necessariamente a questão histórica e as mudanças que vão se dando globalmente.

Hoje a evidência parece esmagadora de que o desinvestimento e o subdesenvolvimento criam a oportunidade para o seu oposto e a inundação de investimento capitalista e (re)desenvolvimento – de fato uma destruição criativa em um registro estritamente geográfico. Em tudo isso, não há como fingir que nada está acontecendo como alguns tentaram recentemente. Com algumas notáveis e não necessariamente suportáveis exceções, os líderes de quase todos os países – ricos e pobres, de Nova York a Lagos, de Londres a Brasília, de Pequim a Pretória – subscreveram o vício hipnótico das ideologias neoliberais. Aqui nós precisamos fazer questões difíceis sobre como até mesmo os movimentos de libertação nacional se transmutaram em um neoliberalismo socialmente divisivo e às vezes violento, e isso inevitavelmente nos leva de volta a Frantz Fanon e aos limites de tais movimentos de libertação nacional. Então, o que está acontecendo aqui no que diz respeito ao desenvolvimento desigual? Se a teoria da gangorra não parece mais tão aplicável empiricamente, o que nós vamos fazer em relação a África Subsaariana? Em grande medida, esta região permanece um outsider, ainda amplamente discriminada no mundo das finanças globais. Isto pode até parecer ser o enigma do desenvolvimento desigual global. (Smith, 2011, p. 263)

Assim, um dos méritos deste autor é justamente a busca permanente pela recontextualização da teoria frente aos novos cenários espaços-temporais. Compreender o desenvolvimento desigual como dimensão geográfica das contradições inerentes à

reprodutibilidade do capitalismo implica em considerarmos como as suas relações sociais se apresentam nos mais diferenciados contextos territoriais. Quando consideramos o primeiro momento em que o autor desenvolve de modo mais adensado sua leitura sobre a teoria do desenvolvimento desigual, qual seja, a transição dos anos 1970 para os anos 1980, vemos como a questão da teoria da crise era algo central para o debate da Geografia Radical anglo-saxônica, aparecendo tanto nos textos de David Harvey como no próprio livro máximo de Smith.

Desta forma, é possível afirmar que, mais do que somente aproximar os escritos de Marx da produção acadêmica da Geografia, o esforço desses autores passava também pela devida interpretação do momento histórico do capitalismo que atravessavam, com destaque para a questão da crise estrutural capitalista. É assim que enxergamos que a recepção das teorias do desenvolvimento desigual tanto em Harvey quanto em Smith pode ser vista como a busca dos intelectuais da Geografia para desvendar as contradições do desenvolvimento capitalista que se agudizavam no último quartel do século XX.

Em Smith (1986, 1988 [1984]), essa preocupação se consubstanciaria em uma preocupação com a contradição que se estabelece na relação entre os processos de homogeneização das relações capitalistas ao redor do mundo (o capital como um nivelador global) e os processos de diferenciação que tanto antecedem quanto são reproduzidos pelas próprias relações capitalistas (o capital também como diferenciador). Também preocupa ao autor os processos de investimento e desinvestimento em várias partes do mundo (Smith, 1982), e como isso se materializa globalmente no movimento do capital produzindo ativamente o espaço em diferentes escalas, entre as quais destaca a urbana, a do Estado-nação e a global (Smith, 1988 [1984]). A partir deste debate, também dialogando com a noção de ajustes espaciais de Harvey (2013 [1982]), Smith apresenta a noção de “vaivém do capital” ou “gangorra do capital”, variando conforme a tradução (*seesaw of capital*, no original).

Apresentadas algumas das principais discussões em torno da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, a partir de Trotsky e autores do movimento trotskista internacional, e da apropriação do debate sobre o desenvolvimento desigual no capitalismo pela Geografia de Harvey e Smith, vamos agora aos resultados da análise dos dados empíricos levantados em

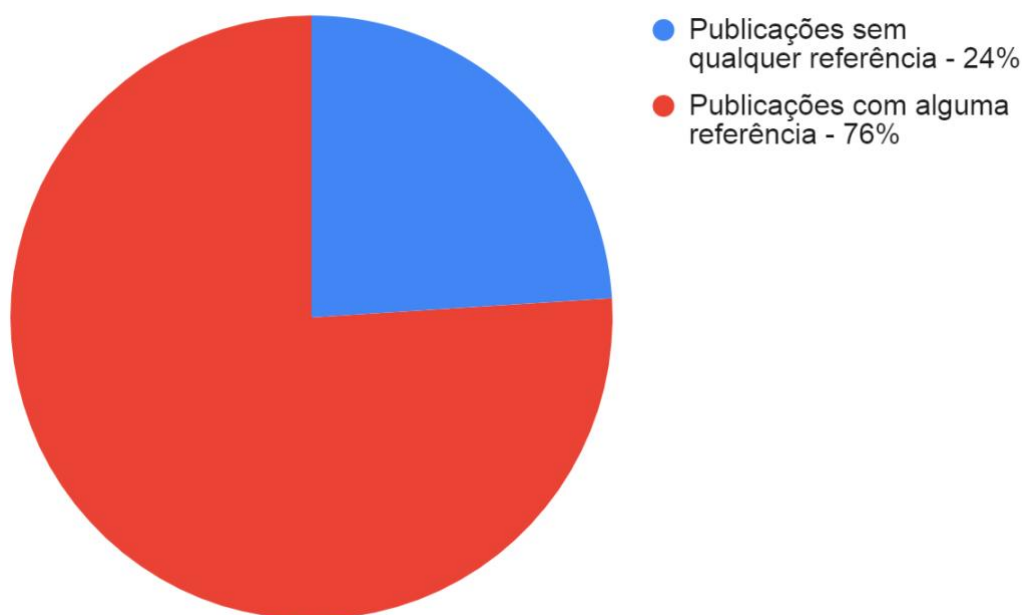
nossa investigação. Como veremos, há uma diversidade muito ampla de fontes que a comunidade geográfica brasileira se vale ao usar o termo “desenvolvimento desigual e combinado”, algumas das quais não trouxemos nesta seção do artigo, dados os limites objetivos do texto³.

A PRESENÇA DE L. TROTSKY E DE AUTORES DO MOVIMENTO TROTSKISTA

Apenas retomando alguns pontos já indicados na introdução, lidamos no total com 663 publicações de diferentes tipos (livros, capítulos de livro, artigos em periódicos, anais de eventos, teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias de graduação). Todas essas publicações estão disponíveis online e foram fruto de revisão sistemática. Nesse universo, a primeira informação que nos chamou a atenção ainda no momento de levantamento foi a frequência de textos identificados que mencionam a expressão “desenvolvimento desigual e combinado” sem, contudo, apresentar sequer um autor como referência para a teoria. Após a conclusão da revisão e sistematização dos dados em gráfico, obtivemos o seguinte resultado nesse quesito (Figura 1).

³ Neste artigo, optamos por não nos aprofundarmos na leitura de Massey sobre a teoria do desenvolvimento desigual dados os limites de tamanho do texto que o periódico indica. Ainda assim, destacamos a singularidade das formulações da autora, ainda que, dentre os três autores anglo-saxônicos que destacamos, seja a menos mencionada pela Geografia no Brasil. Mais detalhes sobre a perspectiva da autora podem ser lidos em ([omitido para fins de avaliação]). Ponderamos ainda que, dada a escassez de publicações que fazem uso e análise dos escritos deste primeiro momento da trajetória intelectual de Massey (entre os anos 1970 e 1990), estamos produzindo um capítulo de livro que abordará o tema com a profundidade devida.

Figura 1. Publicações da Geografia no Brasil que mencionam “desenvolvimento desigual e combinado” com ou sem indicação de referências para a teoria, entre 1997 e 2020



Fonte: Revisão Sistemática, 2022.
Organização: Autores (2025).

Em que pese a grande maioria dos escritos apresentarem alguma referência ao tratar da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, nos parece profundamente delicado um cenário em que quase 1 em cada 4 publicações da Geografia no Brasil que mencionam a teoria assim o fazem sem indicar qualquer autor como fonte. Avaliamos que esse primeiro dado já aponta para uma boa expressão de como tem se dado parcela importante da recepção da teoria do desenvolvimento desigual e combinado pela Geografia no Brasil.

Em nossa perspectiva, os dados indicados na figura 1 apontam para um cenário no qual parcela significativa das publicações que apresentam alguma menção à expressão “desenvolvimento desigual e combinado” o fazem sem buscar devidamente os complexos meandros da teoria. Ou seja, é possível afirmar que existe uma parte considerável da comunidade geográfica no Brasil que se vale desse constructo apenas como um jargão, uma expressão que teria se cristalizado ou popularizado nos escritos da área, sem, contudo, buscar o real poder explicativo da teoria a partir dos autores que ao longo do século XX produziram-na.

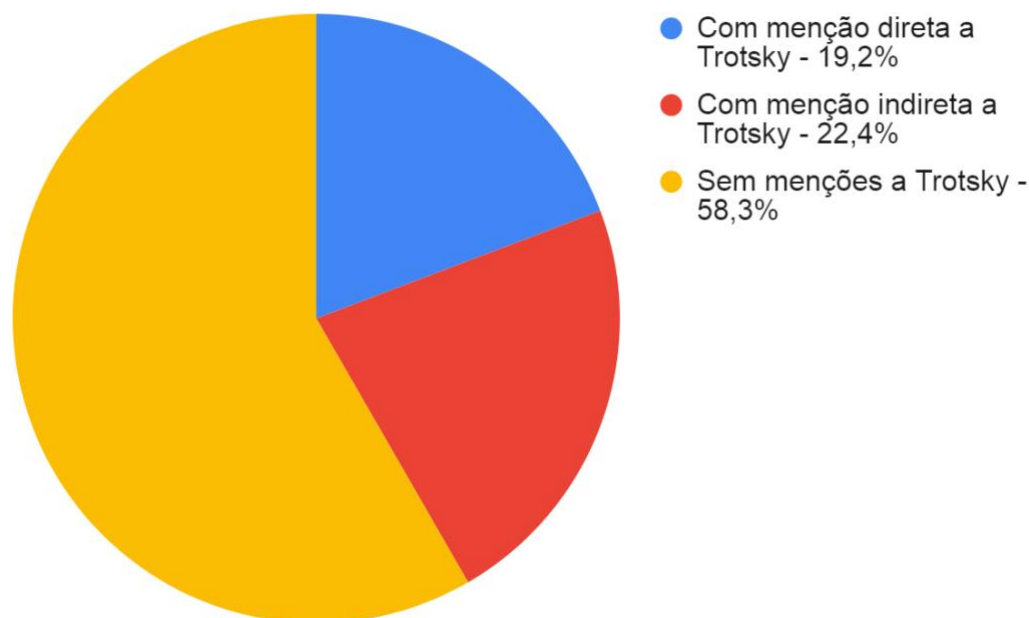
Avancemos agora em direção a uma compreensão mais detalhada de quem realmente é citado pelos escritos da Geografia no Brasil quando menciona-se a teoria do desenvolvimento

desigual e combinado. Dito de outro modo, buscamos nos textos levantados a quem eles se referiram como fonte quando abordaram a teoria. Para tanto, e por razões óbvias, nosso universo de análise se voltou apenas para os 76% das publicações que apresentam algum autor como fonte, logo 504 dos 663 textos revisados.

Organizamos essa parte de nossa exposição a partir dos principais autores mencionados, considerando nomes que se destacaram individualmente (Leon Trotsky) ou conjuntos de autores que, agrupados, também representam importante parcela dos trabalhos, tais como autores do movimento trotskista (George Novack; Michael Löwy e Ernest Mandel), intelectuais críticos do pensamento social brasileiro (Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira, José de Souza Martins e Teoria Marxista da Dependência), além dos três autores geógrafos que se destacaram na recepção da teoria do desenvolvimento desigual na Geografia ocidental (David Harvey, Neil Smith e Doreen Massey).

Começamos pela presença de Trotsky nos escritos da Geografia no Brasil que mencionam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Com razoável participação, esse autor é, com folga, o mais mencionado por todos. Porém, um aspecto nos chamou a atenção quando começamos a fazer nossa revisão sistemática: muitos textos levantados falavam em Trotsky sem necessariamente referenciar-se em escritos do autor russo. Isso nos levou a fazer, especificamente nesse caso, uma subdivisão. Analisemos o resultado na figura 2.

Figura 2. Menções a Trotsky nas publicações da Geografia no Brasil que abordam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, entre 1997 e 2020, dentre aquelas que mencionam algum autor



Fonte: Revisão Sistemática, 2022.
Organização: Autores (2025).

A primeira informação que devemos comentar nesse gráfico é a ausência de menções a Trotsky. Reforcemos que estamos aqui tratando somente de textos que fazem citação a algum autor ao se referirem à teoria. Vemos que quase 60% dos escritos não vinculam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado a Trotsky. Isso significa dizer que a maioria dos textos levantados ou não fizeram questão de mencionar a origem intelectual do constructo teórico ou talvez sequer saibam que o autor mencionado como fonte não é a base fundante da teoria que mencionam. Obviamente, quanto mais a teoria do desenvolvimento desigual e combinado é algo estrutural na análise empreendida pelos autores das publicações, mais comum se torna a presença de Trotsky. Ainda assim, é intrigante traçar um cenário mais amplo em que a grande maioria dos textos que falam em “desenvolvimento desigual e combinado” não mencionam Trotsky em seu escrito.

Outro ponto que chama a atenção são os outros 41,7% de publicações que mencionam o autor russo. Mais da metade dessas apenas falam em Trotsky sem citar ao menos uma obra do autor que tenha tratado do desenvolvimento desigual e combinado. Nesses casos, é muito

comum a citação a autores trotskistas, principalmente Löwy, como fonte principal para o debate. Trotsky aparece apenas como menção indireta por ter sido o criador da teoria, mas os geógrafos autores não foram diretamente aos escritos originais. Dentre os textos de Löwy, destacamos que o mais citado nesse contexto é um artigo de apenas oito páginas, onde o autor basicamente introduz a teoria (Löwy, 1998 [1995]). Ou seja, uma parcela importante dos textos fundamenta-se em um artigo que somente traz pontos elementares da teoria, sendo insuficiente para quem realmente pretende se aprofundar no debate.

De todo modo, é necessário frisar que aproximadamente 1 em cada 5 publicações da Geografia no Brasil que mencionaram a teoria do desenvolvimento desigual e combinado citaram diretamente Trotsky, com ou sem fragmentos diretos dos escritos do autor. Isso tende a indicar que essa parcela do nosso universo fez um esforço de buscar os fundamentos da teoria nos originais do autor russo. Dentre os livros mencionados, destaca-se *A história da Revolução Russa* (Trotsky, 2017 [1930-1932]), primeiro texto de Trotsky que apresenta sínteses mais explícitas sobre a noção de desenvolvimento combinado relacionadas ao desenvolvimento desigual, como já discutido.

Vale salientar ainda que apenas poucas dezenas de publicações mencionam Trotsky isoladamente. O mais comum nos escritos aqui levantados é o debate desse autor aparecer em diálogo com outros autores, parcela considerável desses ligada ao movimento trotskista. Na figura 3, apresentamos a participação dos autores do movimento trotskista no universo de publicações considerado.

Figura 3. Menções a autores trotskistas nas publicações da Geografia no Brasil que abordam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, entre 1997 e 2020, dentre aquelas que mencionam algum autor



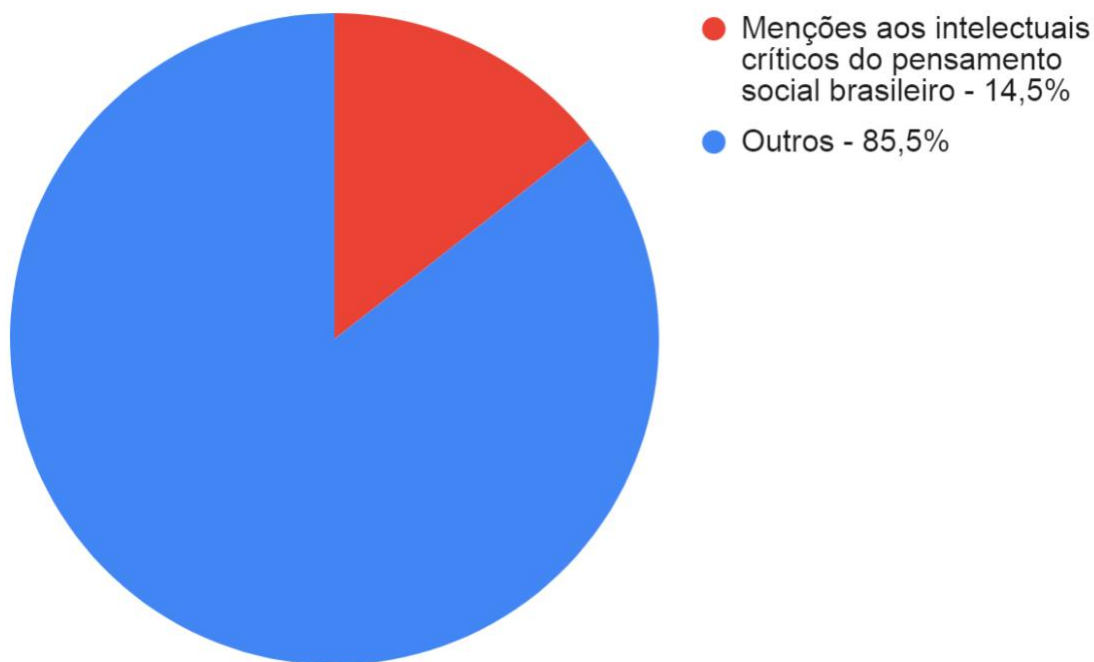
Fonte: Revisão Sistemática, 2022.
Organização: Autores (2025).

No total, quase 18% dos escritos considerados se valem de autores do movimento trotskista internacional. Dentre esses, frisamos a presença de citações a Ernest Mandel, George Novack e Michael Löwy. Na figura 3, fizemos questão de frisar a presença desse último autor. É inegável a importância de Löwy no processo de recepção da teoria do desenvolvimento desigual e combinado nas Ciências Humanas e Sociais no Brasil, e essa presença também é evidente no seio da Geografia, principalmente em comparação com os outros autores. Sendo franco-brasileiro, Löwy também tem cumprido um importante papel de trazer o debate da teoria em língua portuguesa, embora seja necessário ponderar que seu principal livro sobre a teoria é muito pouco citado (Löwy, 2015 [1981]). Esse fato se distingue do que ocorre com o seu pequeno artigo publicado na revista Outubro, como já dito.

A PRESENÇA DE AUTORES DO PENSAMENTO SOCIAL CRÍTICO BRASILEIRO

Ponderamos, contudo, que na figura 3 não incluímos todos os textos que citavam autores brasileiros que se referenciam trotskismo. Desta forma, acima apenas aparecem em azul ou vermelho textos que mencionam os brasileiros em conjunto com um ou mais autores do movimento trotskista internacional. Isso porque trouxemos a seguir um gráfico à parte (Figura 4), expondo especificamente a presença de autores como Florestan Fernandes e Francisco de Oliveira em um agregado que chamamos de “intelectuais críticos do pensamento social brasileiro”.

Figura 4. Menções aos intelectuais críticos do pensamento social brasileiro nas publicações da Geografia no Brasil que abordam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, entre 1997 e 2020, dentre aquelas que mencionam algum autor



Fonte: Revisão Sistemática, 2022.
Organização: Autores (2025).

Nesse recorte elaborado, fizemos questão de buscar nos textos as vinculações que a comunidade geográfica tem feito entre a teoria do desenvolvimento desigual e combinado e autores como Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, José de Souza Martins e Francisco de Oliveira, além de um olhar atento que fizemos para possíveis correlações com intelectuais da Teoria Marxista da Dependência.

Ainda que este agrupamento seja bastante diverso, conseguimos observar a forte presença de alguns autores. De início, vale explicitar o inverso, os que geralmente não são mencionados. Tanto Caio Prado Júnior quanto os autores da Teoria Marxista da Dependência (somente identificamos menções a Ruy Mauro Marini e Theotonio dos Santos) apareceram em apenas três textos, não podendo ser considerados, portanto, como fontes principais. Em quase todas as vezes, a menção ocorreu em diálogo com outros autores trotskistas ou com o próprio Trotsky. Com relação a Florestan Fernandes, a menção ao autor foi também muito baixa, sendo apenas um pouco maior que os anteriormente citados. Contudo, ponderamos que aqui seria necessário ressaltar o primor da leitura desigual e combinada do desenvolvimento capitalista sob a pena de Fernandes. Neste sentido, nos parece prudente indicar que esse autor é ainda muito pouco apropriado pela Geografia no Brasil quando pretende-se abordar a teoria do desenvolvimento desigual e combinado.

Dentre os autores que foram mais citados, destacamos dois: Francisco de Oliveira e José de Souza Martins. Isso também converge para o que levantamos em nossas entrevistas. Costa (2019), por exemplo, afirmou que

Chico de Oliveira foi o não-geógrafo mais lido pelos geógrafos críticos, de todos. Se você me perguntar assim: “qual autor não-geógrafo que influenciou toda teoria regional brasileira, toda concepção sobre o Brasil”. Eu te respondo: Chico de Oliveira. [...] José de Souza Martins e Chico de Oliveira, se você não os lesse, você estava excomungado.

Especificamente quanto a F. Oliveira, é necessário enfatizar a forte presença que esse autor teve na revisão sistemática que realizamos. Em quase metade das publicações desse agrupamento temos a citação direta ou indireta aos escritos desse autor com destaque para dois

de seus livros: *Crítica a razão dualista* (2003 [1972]) e *Elegia para uma re(li)gião* (2008 [1977]). Sendo um dos autores que mais evidencia a origem trotskista da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, F. Oliveira teve uma importante função na recepção da teoria não só na Geografia, mas em todas as Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Em várias de nossas entrevistas, esse autor era sempre lembrado com uma das grandes referências que, a partir dos anos 1970, foi vital para a teoria no Brasil. Destacamos abaixo alguns trechos.

Acho que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado foi muito importante à época. No Brasil, Chico de Oliveira é o cara que internalizou bem essa discussão. (Costa, 2019).

Elegia para uma re(li)gião me marcou muito. *Economia da dependência imperfeita*. Foram obras que ajudaram a fazer a crítica do dualismo estrutural. Então a ideia de desenvolvimento desigual e combinado supera a ideia do dualismo, aquela visão de Jacques Lambert, que reconhecia a diferença, mas não a articulava. A própria ideia de desenvolvimento desigual e combinado ajuda a fazer essa superação e Chico foi uma ponte para isso. (Porto-Gonçalves, 2021)

Minha grande referência intelectual no Brasil [...] é o Chico de Oliveira. [...] A visão do Nordeste que ele tem, que ele nos trouxe através do livro *Elegia para uma re(li)gião* é a leitura geográfica mais profunda que eu conheço. [...] O Chico é a minha matriz por uma razão: ele tem uma dimensão espacial da leitura de Brasil que nem mesmo a gente da Geografia tinha até recentemente e que passou a ter por causa dele. [...] O Chico é quem melhor me permite trabalhar com essa noção [de desenvolvimento desigual e combinado]. (Moreira, 2021)

O segundo autor que chama a atenção nessa parcela analisada dos dados é José de Souza Martins. Embora tenha sido um importante precursor da perspectiva lefebvriana com seu grupo de estudos d'O *capital*, que contribuiu com a formação de importantes nomes da Geografia Urbana e da Geografia Regional no Brasil (a exemplo de Amélia Damiani, Ana Fani A. Carlos, Odette C. de L. Seabra e Sandra Lencioni), a quase totalidade das menções a Martins nas publicações levantadas podem ser compreendidas como da área de Geografia Agrária. O principal motivo disso tem relação com a centralidade desse autor na obra de Ariovaldo U. de Oliveira. Esse geógrafo é figura fundamental na recepção da teoria pela Geografia no Brasil (sobre isso, ver [omitido para fins de avaliação]), assim Martins acabou sendo lido como um autor

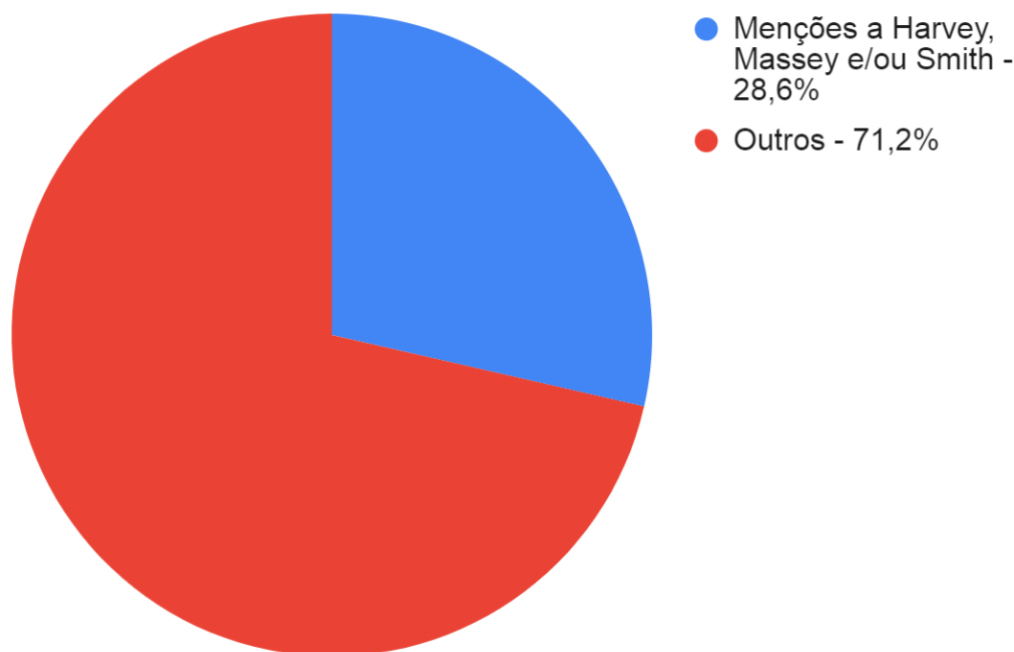
que trabalha com a perspectiva desigual e combinada do desenvolvimento capitalista. Contudo, Martins em diversas passagens de sua obra deixa claro que sua perspectiva é a do desenvolvimento desigual, não tratando do desenvolvimento combinado, tendo para tanto referência nos escritos de Lenin e Lefebvre (Martins, 1981, 2006, 2010 [1979]).

Acreditamos, porém, que parte dessa associação também tem a ver com o fato de Martins trabalhar de modo recorrente com a noção de produção capitalista de relações não-capitalistas de produção como chave interpretativa para leitura sobre a recriação do campesinato no Brasil. É comum ver nas publicações da Geografia no Brasil a leitura de que essa noção é um dos possíveis indícios de que Martins trabalha com a perspectiva de desenvolvimento combinado, dado que haveria um amalgamento entre o novo (o capital) e o velho (o campesinato) no desenvolvimento. Sem ir muito além no sentido de possíveis interpretações dessa leitura, o que nos importa colocar aqui é que essa noção de produção capitalista de relações não-capitalistas de produção advém dos escritos de Rosa Luxemburgo, como destacado pelo próprio Martins, e não de Trotsky. Embora reconheçamos que existem flagrantes conexões entre o que é colocado por ambos intelectuais, até por conta do próprio princípio dialético de unidade dos contrários constituinte do método que tanto Rosa quanto Trotsky se valem, nos parece pouco apropriado tratá-los como uma coisa só, até porque nem o próprio Martins o faz.

A PRESENÇA DE GEÓGRAFOS MARXISTAS ANGLO-SAXÕES

Esse mesmo exercício autoral de atribuir a teoria do desenvolvimento desigual e combinado a autores que trabalham a partir de outras perspectivas marxistas de desenvolvimento também é evidente quando consideramos a próxima figura, onde agrupamos todas as publicações que se valem dos textos de Harvey, Massey e Smith como fonte para a teoria que estamos analisando (Figura 5).

Figura 5. Menções a David Harvey, Doreen Massey e/ou Neil Smith nas publicações da Geografia no Brasil que abordam a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, entre 1997 e 2020, dentre aquelas que mencionam algum autor



Fonte: Revisão Sistemática, 2022.
Organização: Autores (2025).

De todos os três agrupamentos que fizemos (Figuras 3, 4 e 5), esse último é o que apresenta o maior percentual. Isso significa dizer que nem os autores trotskistas nem os intelectuais críticos do pensamento social brasileiro (especialmente Francisco de Oliveira) conseguem se fazer mais presentes como fonte da teoria do desenvolvimento desigual e combinado do que esses três autores anglo-saxões da Geografia: Harvey, Massey e Smith. Ponderamos, contudo, que tanto Harvey quanto Smith não se valem da teoria trotskista de desenvolvimento para elaborar suas reflexões. Massey por seu turno, é a que mais se aproxima dessa perspectiva, mas, ainda assim, dentre os três autores, é a que menos é citada nas publicações (apenas 6 menções em um universo de 144 publicações).

É curioso notar como a grande maioria dos textos reconhece que Harvey e Smith não são os construtores originais da teoria, mas defende-se que esses seriam responsáveis por uma leitura geográfica do desenvolvimento desigual e combinado, coisa que Trotsky não teria feito.

Falando especificamente de Harvey, é comum a associação ao conceito de desenvolvimento geográfico desigual, como se esse fosse derivado do constructo teórico trotskista. Contudo, não há em nenhum momento na obra de Harvey qualquer conexão entre o que esse escreve e o legado de Trotsky, a não ser a base comum na teoria do imperialismo de Lenin. Quanto a Smith, chega a ser intrigante perceber que, mesmo o autor escocês deixando claro que enxerga na ideia de desenvolvimento desigual e combinado algo limitado, vários autores da Geografia no Brasil o tratam como um intelectual responsável por lidar com a teoria a partir de um olhar geográfico. E vale salientar que o livro que é a principal fonte dos textos que citam Smith (*Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço*, 1988b [1984]), é justamente um dos escritos no qual o autor deixa mais clara sua posição sobre os limites da teoria trotskista de desenvolvimento.

Sobre Harvey, gostaríamos de ponderar como esse autor, que tem uma vasta quantidade de livros e artigos publicados, deve ser analisado com maior detalhe, algo que não é propriamente o foco deste artigo. Nas entrevistas que realizamos ficam nítidas o quão diversas são as visões sobre o autor inglês. Mamigonian (2019), por exemplo, que é de uma geração um pouco anterior aos demais entrevistados, bem como A. Oliveira (2019), reforçam a ideia de que o Harvey que se lia nos anos 1970 era basicamente o que estava presente em *Explanation in Geography*, livro do momento teórico de Harvey. Costa (2019), por seu turno, ressalta que reconhece alguns avanços nos escritos do autor inglês, principalmente com *A justiça social e a cidade*, mas que não é exatamente um autor que teve como referência fundante nos anos 1970 e 1980. Já Silva (2021) compreende que Harvey foi uma revolução nos anos 1970 com *A justiça social e a cidade*, por ser um autor já bastante reconhecido que trouxe uma leitura marcadamente crítica para os estudos urbanos. Por fim, ainda ressaltamos a reflexão de Conceição (2021), que conheceu o Harvey teórico na época da graduação, mas realmente apenas começa a se debruçar nos estudos do autor a partir dos anos 1990 com a publicação de *A condição pós-moderna*.

O que nos interessa frisar com essas visões tão diferentes da questão é apontar como um mesmo autor é difundido e recebido de modo tão diferente em distintos momentos históricos e

contextos geográficos. A ideia de traçar esse breve panorama extremamente diferenciado de recepção da obra de apenas um autor nos ajuda a notar o quão complexa é a questão que nos debruçamos quando vamos a alguns detalhes. E vários determinantes interferem nesse processo, como é o caso das traduções. Vale salientar, neste sentido, que a primeira grande obra de Harvey que lida com o conceito de desenvolvimento geográfico desigual, *Os limites do capital*, apenas ganhou edição brasileira em 2013, embora originalmente publicada em inglês em 1982. *A condição pós-moderna*, que foi um dos maiores sucessos de venda do autor no Brasil, foi escrito depois desse livro, embora traduzido antes⁴. E esses meandros dão conta do quão distintos são os momentos de recepção nas diferentes décadas. Não por acaso, Harvey vem se tornando uma referência importante para o debate que estamos aqui analisando no século XXI, a partir da publicação de vários de seus textos em português pelas editoras Loyola e Boitempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desvelamento dos processos de recepção e apropriação de uma determinada teoria é sempre um curso extenso, com vários meandros e nenhuma linearidade. Isso ajuda muito a entender como diferentes campos do conhecimento científico lidam de modo distinto com os mais diferentes aportes teórico-conceituais. Em relação à teoria do desenvolvimento desigual e combinado presente na Geografia no Brasil, apresentamos neste artigo apenas alguns dados derivados de revisão sistemática que dão conta de nos ajudar a traçar um cenário emaranhado de fontes e autores.

Vale a pena destacar presenças e ausências nesses resultados. Quanto a essas, nos chamou a atenção a elevada quantidade de textos levantados que mencionam a teoria do

⁴ É digno de nota, como bem lembrado pelos pareceristas deste artigo, que antes da tradução de *Os limites do capital* tivemos em 2004 a versão em português de *Espaços de esperança*, originalmente publicado em inglês em 2000. É um outro bom exemplo de como os processos de tradução e publicação são importantes para pensarmos a recepção e a apropriação de teorias e conceitos.

desenvolvimento desigual e combinado sem apresentar qualquer fonte, ou apenas mencionam Trotsky sem indicar sequer uma de suas obras como referência. Isso nos parece uma fragilidade muito importante e pode ser um caminho investigativo pertinente para pesquisadores que desejam analisar a presença de outros aportes teóricos na Geografia e nas Ciências Humanas e Sociais em geral.

Com relação às presenças, damos relevo a cinco autores. O próprio Trotsky é com folga o mais citado, o que indica certo lastro referencial em parcela importante dos textos levantados. Destacam-se ainda autores não-geógrafos: Löwy e F. de Oliveira, intelectuais que sempre foram rigorosos na associação da teoria com os escritos do autor russo e são fontes basilares para parcela dos textos analisados. Dentre os autores geógrafos não-brasileiros, destacamos Harvey e Smith. O primeiro com sua teorização sobre o desenvolvimento geográfico desigual tem se mostrado um fértil intelectual para as publicações críticas dentro e fora da Geografia. Já Smith, escritor de refinada elaboração teórico-conceitual, é ainda um autor que precisa ser mais traduzido para a língua portuguesa e com isso contribuir mais para o debate sobre o contraditório desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. Ressalvamos, contudo, que ambos não lidam propriamente com a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, e frequentemente são associados a esta de modo equivocado.

Por fim, gostaríamos de enfatizar toda a potência da teoria do desenvolvimento desigual e combinado para a análise do capitalismo em realidades como a brasileira. Avaliamos que, embora frequentemente mencionado, esse constructo teórico é ainda pouco explorado pelos escritos acadêmicos da nossa comunidade geográfica. Assim, gostaríamos muito que este artigo fosse compreendido não só como uma síntese de uma investigação, mas também como um convite para o aprofundamento teórico-metodológico e para o refinamento de nossos referenciais críticos.

REFERÊNCIAS

- CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **Alexandrina Luz Conceição**: entrevista 27 mar 2021. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. Via Google Meet, 2021.
- COSTA, Wanderley Messias da. **Wanderley Messias da Costa**: entrevista 2 dez 2019. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. São Paulo, 2019.
- CRUZ, Rita de Cassia Ariza da; MARQUES, Leônidas de Santana; SOUSA NETO, Manoel Fernandes; CASTRO, Fernando Molnar (org.). **Neil Smith e sua Geografia revolucionária**. São Paulo: Annablume, 2024.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005 [2003].
- HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008 [2005].
- HARVEY, David. **Cosmopolitanism and the geographies of freedom**. New York: Columbia University Press, 2009.
- HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011 [2010].
- HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013 [1982].
- HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016 [2014].
- HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018 [2017].
- LÖWY, Michael. Is there a law of arrested and un-combined development?: An answer to David J. Romagnolo. **Latin American Perspectives**, vol. 2, n. 4, p. 118-120, 1975.
- LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Outubro**, São Paulo, n. 1, p. 73-80, 1998 [1995].

LÖWY, Michael. **A política do desenvolvimento desigual e combinado**: a teoria da revolução permanente. São Paulo: Sundermann, 2015 [1981].

MAMIGONIAN, Armen. **Armen Mamigonian**: entrevista 19 set 2019. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. Por telefone, 2019.

ANDEL, Ernest. The laws of uneven development. **New Left Review**, n. 59, p. 19-38, 1970.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 [1972].

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, José de Souza. Prefácio à quinta edição. In: FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5 ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 9-23.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010 [1979].

MOREIRA, Ruy. **Ruy Moreira**: entrevista 30 mar 2021. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. Via Google Meet, 2021.

NOVACK, George. The law of uneven and combined development and Latin America. **Latin American Perspectives**, vol. 3, n. 2, pp. 100-106, 1976.

NOVACK, George. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade**. São Paulo: Rabisco, 1988 [1957].

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Ariovaldo Umbelino de Oliveira**: entrevista 9 set 2019. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista. In: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista. O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003 [1972]. p. 25-119

OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião. In: OLIVEIRA, Francisco de. **Noiva da revolução. Elegia para uma re(li)gião**. São Paulo: Boitempo, 2008 [1977]. p. 119-275.

PETITCREW, Mark; ROBERTS, Helen. **Systematic reviews in the Social Sciences**: a practical guide. Malden (MA): Blackwell Publishing, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Carlos Walter Porto-Gonçalves**: entrevista 29 mar 2021. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. Via Google Meet, 2021.

ROMAGNOLO, David. The so-called "law" of uneven and combined development. **Latin American Perspectives**, vol. 2, n. 1, p. 7-31, 1975.

SILVA, José Borzacchiello da. **José Borzacchiello da Silva**: entrevista 8 mar 2021. Entrevistador: [omitido para fins de avaliação]. Via Google Meet, 2021.

SMITH, Neil. Gentrification and uneven development. **Economic Geography**, vol. 58, n. 2, p. 139-155, abr. 1982a.

SMITH, Neil. On the necessity of uneven development. **International Journal of Urban and Regional Research**, vol. 10, n. 1, p. 87-104, 1986.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988 [1984].

SMITH, Neil. The satanic geographies of globalization: uneven development in the 1990s. **Public Culture**, vol 10, n. 1, p. 169-189, 1997.

SMITH, Neil. Uneven development redux. **New Political Economy**, vol. 16, n. 2, p. 261-265, 2011.

SOUZA NETO, João Alves de; BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque; LIRA, Larissa Alves de. Apresentação do dossiê de traduções: Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã. **Revista Geografias**, v. 17, n. 1, p. 142-144, 2021.

TROTSKY, Leon. **The Third International after Lenin**. 2 ed. New York: Pioneer Publishers, 1957 [1928].

TROTSKY, Leon. **The permanent revolution & results and prospects**. Seattle (WA): Red Letter Press, 2010 [1930].

TROTSKY, Leon. **A história da Revolução Russa**. Brasília: Senado Federal, 2017 [1930-1932]. (v. 1. A queda do czarismo)

TROTSKY, Leon. Balanço e Perspectivas. 1906. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/balanco/index.htm>>>. Acesso em 25 jan 2025.

VAN DER LINDEN, Marcel. The 'law' of uneven and combined development: some underdeveloped thoughts. **Historical Materialism**, v. 15, n. 1, p. 145–165, 2007.